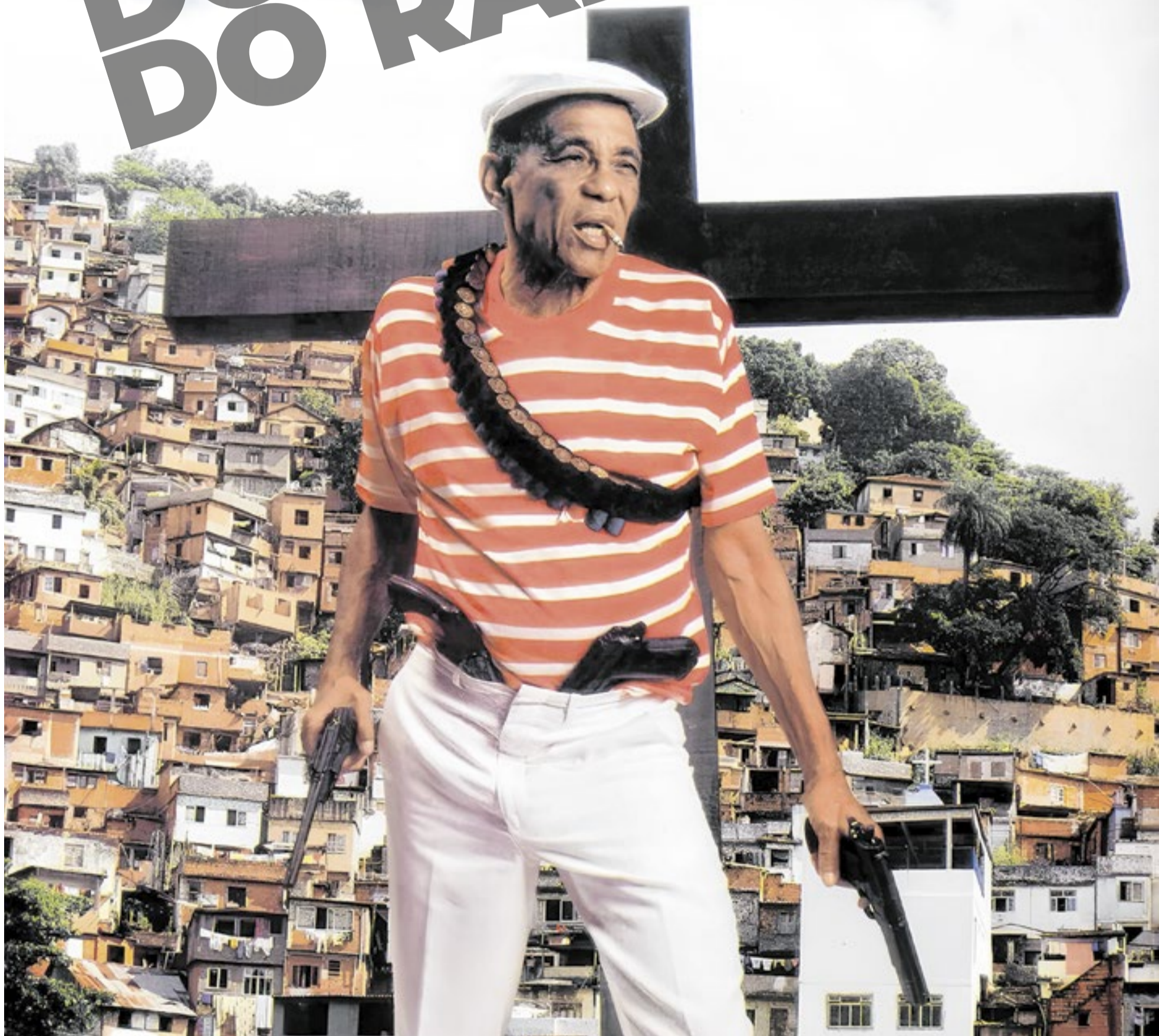


OS 100 ANOS DO AVÔ DO RAP

#cm

2

QUARTA-FEIRA



BEZERRA DA SILVA EM ENSAIO FOTOGRÁFICO QUE RESULTOU NA FOTO DO ÁLBUM 'EU NÃO SOU SANTO'

Com fama de 'maldito' na MPB e até no meio do samba, Bezerra da Silva vai virar enredo de escola de samba no ano de seu centenário. Sua obra que pintou, sem filtros, o cotidiano de violência nas periferias segue mais atual que nunca. O sambista pernambucano que driblou a miséria para se transformar num recordista de vendas de álbuns é, para muitos, o avô do rap e seus afiliados. Quem nos conta essa história é Fred Soares. Páginas 2 e 3

Um forasteiro dentro da própria casa

Bezerra da Silva deu voz a poetas anônimos do morro e cantou, como ninguém, a dura realidade das periferias, muito antes do rap

FRED SOARES Especial para o Correio da Manhã

Bezerra da Silva atravessou o Brasil de cima pra baixo. Veio do Recife escondido num navio de açúcar, aos quinze anos, com a roupa do corpo e a fome do mundo. Morou quinze anos num barraco do Cantagalo. Dormiu nas calçadas de Copacabana. Vendeu, depois de tudo, três milhões de discos. E mesmo assim o samba tradicional jamais lhe ofereceu uma cadeira à mesa. Procure um LP de luxo de Paulinho da Viola, de Beth Carvalho, entre outros, com o nome dele numa parceria. Não vai achar. Bezerra foi, em vida, um forasteiro dentro da própria casa.

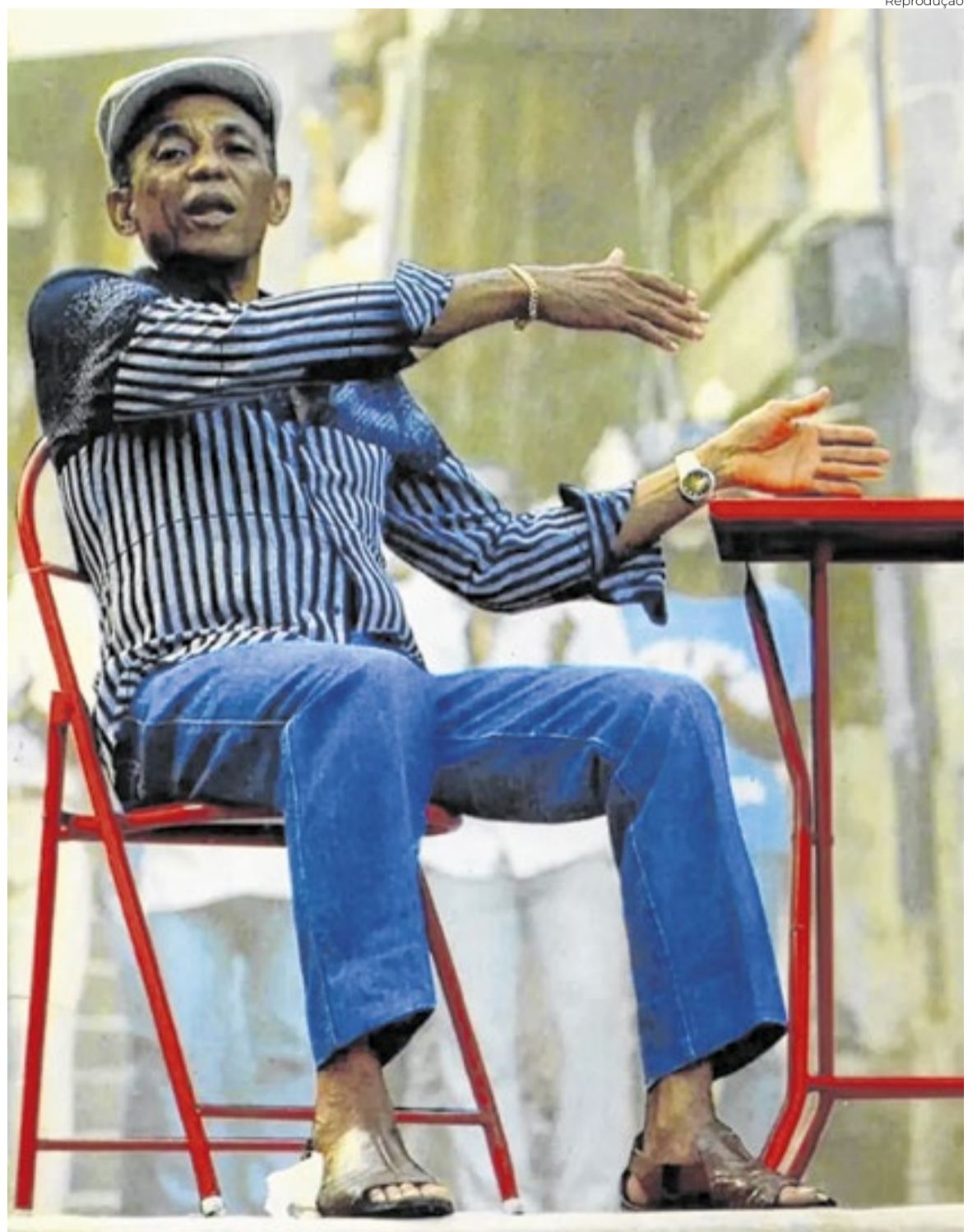
Toda época fabrica os seus malditos. Nos anos 70, o rótulo coube à turma experimental da MPB — Jards Macalé, Sérgio Sampaio, Luiz Melodia, Jorge Mautner, Tom Zé —, gênios estranhos demais para o rádio FM, recusados pelas gravadoras, mas adorados pela crítica e acolhidos na boemia ilustrada da Zona Sul. Bezerra era um maldito de outra estirpe. Não tinha roda de gênios para chamar de sua, nem o halo de artista cult que os jornais concedem a seus prediletos. A maldição dele era mais velha e mais brutal: a de classe e de origem. Vendeu milhões e seguiu invisível para o mundo letrado: favela demais para a academia, bandido demais para a sala de visitas. Os outros foram postos à margem pelo excesso de vanguarda. Bezerra, pelo simples fato de ser o morro em pessoa, cantando.

Em 23 de fevereiro de 2027, esse forasteiro faria cem anos. E a festa que se arma para o centenário tem cara de acerto de contas. O homem que o samba do asfalto tratou à distância vai receber no carnaval reconhecimento no palco maior da cultura nacional. O cantor e compositor será o tema do enredo de uma das escolas de samba do carnaval carioca, que fará o anúncio oficial nos próximos dias. No esplendor da Avenida, a margem vai virar centro.

É o Brasil chegando, com quatro décadas de atraso, à conclusão de que aquele migrante, que veio a se transformar num arauto das favelas cariocas, confirmou o que disse um dia Euclides da Cunha: o nordestino é acima de tudo um forte.

O desfile, porém, será mais um dos tantos momentos em que a memória de Bezerra será recuperada. Em 28 de maio, no Museu do Amanhã, a família lançou o projeto “Bezerra da Silva 100 Anos”, uma operação de resgate em muitas frentes. O projeto é tocado pela Bezerra King, empresa da família que guarda os direitos da obra, com a CUFA e a Favela Holding. A direção geral é de Celso Athayde, ao lado dos filhos do cantor, Léo, Ítalo e Ulisses. A frente mais quente, obviamente, é a musical. Sob coordenação de Preto Zezé, Vinicius Athayde e Fábio Almeida, clássicos de Bezerra ganharão releituras e shows itinerantes na voz de gente que, em tese, não caberia no mesmo palco. Zeca Pagodinho, Dudu Nobre e Jorge Aragão, do samba. Marcelo D2, Dexter, Edi Rock, Orochi, MD Chefê e Delacruz, do rap e do trap. Seu Jorge, Ludmilla e o Jota Quest, puxando para o pop. Quem casou essas tribos todas, em vida, foi o próprio Bezerra.

No audiovisual, vem uma série documental dirigida por Celso Athayde e pelo roteirista Rafael



Bezerra da Silva em foto do disco icônico *Alô malandragem*, maloca o flagrante!

Dragaud, sobre a trajetória e o peso cultural do sambista, e um especial de TV pela Favela Filmes. No teatro, a vida do artista vira musical sob direção de Elísio Lopes Jr. Na literatura, dois livros assinados pelos filhos prometem bastidores e memórias de família. E há um capítulo discreto que talvez sobreviva a todos os outros: o Selo Bezerra 100 Anos, criado pela produtora MUVUKA para organizar e preservar o acervo.

No lançamento, em vez de discurso, teve roda de samba. Dudu Nobre, Preto Zezé e os filhos puxaram clássicos. Foi o jeito mais honesto de começar uma festa que é, no fundo, um velório às avessas.

Para boa parte do público de hoje, gente já de barba na cara, o nome diz pouco. Reparem na injustiça e vamos consertá-la. José Bezerra da Silva nasceu em Recife, filho de uma mulher que o marido abando-

nou ainda na barriga. Aos quinze anos, fugiu da miséria num navio de açúcar e desembarcou num Rio de Janeiro que não o esperava. Foi pintor de parede, servente de obra, mendigo. Tentou morrer e não conseguiu. Alguém lá de cima tinha outros planos para ele.

Tocava percussão desde menino, estudou violão por anos e era um dos raríssimos partideiros que liam partitura, o que lhe valeu até uma cadeira

Reprodução

TRIBECA
FILM
FESTIVAL

Festival criado em Nova York por Robert De Niro busca novas vozes autorais

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

CEP do coração de uma Nova York pé no chão (ou seja, intelectual, mas sem fortuna), Tribeca virou um endereço obrigatório do cinema mundial há um quarto de século cravado, quando o susto provocado pelos atentados ao World Trade Center gelou a espinha do planeta e deu um ultimato de alerta para a maior metrópole do planeta. Em 2001, pouco depois da tragédia do 11 de Setembro, o ator Robert De Niro mobilizou parceiros a fim de elevar o ânimo do povo nova-iorquino com a criação de um evento cinematográfico competitivo.

Pois não é que aquele festival — sempre aberto ao Brasil — chegou aos 25 anos. Sua mais famosa descoberta foi “Deixa Ela Entrar” (2008), do sueco Tomas Alfredson, uma das histórias de vampiro mais invejadas das últimas três décadas. Por sua aposta nas expressões narrativas mais indies, suas mostras viraram grife de invenção, tendo De Niro como mecenas.

Desta quarta-feira até o dia 14 de junho, a cidade cantada por Frank Sinatra e filmada por muitos gênios das telas volta a ser o epicentro de uma maratona de descobertas. A direção artística do evento é de Jane Rosenthal e a programação é supervisionada por Cara Cusumano. Este ano, o festival abre com “Earth, Wind & Fire: To Be Celestial”, documentário musical realizado por Questlove sobre a lendária banda norte-americana, e encerra com “Alicia Keys: Girl on Fire’s Kitchen”.

Muito se espera de uma coprodução entre diversas nações hispano-americanas chamada “Summer War”, de Alicia Scherson. Ela se passa no Chile, em 1989. Na ocasião, o regime de Pinochet está em declínio e o campeão de jogos de guerra de mesa Udo Berger está de férias com a namorada num resort à beira-mar. Quando um amigo desaparece de repente, Udo convida um misterioso habitante local para se juntar a ele numa partida. A literatura (de prosa



‘Funk’ marca a volta de Aly Muritiba à cena das grandes competições internacionais

Tribeca, 25 anos de prospecção



‘The Tropic Sun and His Eyes’ leva o Haiti às telas nova-iorquinas



Airport BLVD é uma das mais fortes apostas da competição americana deste anos

com Roberto Bolaño) é o eixo do longa.

Muito se espera também do haitiano “The Tropic Sun and His Eyes”, de Elisee Junior St Preux. Sua narrativa segue os passos de Ruben (Stevenson Jean), viajante que regressa ao Haiti para restabelecer o contacto com o pai, de quem se afastara. Quando um garoto pobre persistente (Blangué Machinery) começa a segui-lo, ele faz um acordo com o guri: se ele ajudar a encontrar um atalho e mantiver alguma dis-

tância, poderá ficar. Um parentesco se forja aí.

A seleção internacional volta a ser uma das mais abrangentes do circuito mundial, reunindo produções oriundas de pelo menos 40 países. Entre os títulos mais aguardados destacam-se “Against the Flow”, do realizador chinês Tao Zhang, uma coprodução entre França, Luxemburgo, Portugal e Suécia; “Árru”, da cineasta Elle Sofe Sara, representando Noruega, Suécia e Finlândia; “Crocodile”, da neozelandesa Pietra Brett Kelly, numa parceria entre Nova Zelândia e Nigéria; além de obras provenientes do Reino



‘Summer War’ proseia com Roberto Bolaño e seu Chile

Unido, Irlanda, Alemanha, Japão, Coreia do Sul, México, Argentina e Canadá, confirmando o perfil cosmopolita que transformou o Tribeca numa vitrina privilegiada para o cinema independente contemporâneo.

Tribeca já colheu grandes filmes brasileiros em sua história, incluindo “Estranho Caminho”, de Guto Parente; “Festa de Margarette”, de Renato Falcão; “Santiago”, de João Moreira Salles; “Elvis & Madona”, de Marcelo Laffitte; e “Califórnia”, de Marina Person. Marcaremos presença lá com “Funk”, dirigido por Aly Muritiba, selecionado para a Competição Internacional. O filme acompanha Sabrina, uma jovem da periferia carioca determinada a conquistar espaço no universo dos bailes funk, enfrentando desafios sociais, familiares e profissionais enquanto tenta transformar o seu talento em ascensão artística. Combinando música, sensualidade e questões de mobilidade social, a produção propõe uma leitura contemporânea da juventude urbana brasileira, explorando o funk como instrumento de afirmação cultural e sobrevivência econômica.

O Brasil aparece como cenário

do curta “White Belt”, de Branislav Jankic. Segue uma lutadora em ação. Na véspera do seu primeiro grande torneio de Jiu-Jitsu, a outrora supermodelo Monika «Jac» Jagaciak — outrora o rosto da moda mundial — revela a sua extraordinária transformação ao trocar as passarelas pelos tapetes de luta, enfrentando o seu passado e recuperando o controle da sua vida através da disciplina dos desportos de combate.

Entre as produções estadunidenses de ficção em disputa, os debates sobre inclusão social têm predileção. Há uma torcida formada em torno de “Airport BLVD”, de Alejandro Hendricks. Em seu enredo, Xavier (Jamal Gamble) é um jovem de modos suaves que vê todo o seu mundo desmoronar-se à sua volta. Fala-se muito ainda de “Mother Future Self”, da diretora estreante Tori Lancaster. No seu roteiro, Sofi (Imani Jade Powers) e Jordan (Betsy Brown) não se vêem há anos, após uma misteriosa desavença.

Paralelamente às projeções, o festival mantém a sua tradicional agenda de conversas públicas, as Tribeca Talks, que reúnem personalidades com o Madonna, Bruce Springsteen e Paul Rudd.

O iluminista sentimental

Para inveja dos cariocas, São Paulo se empapuca com as delícias de Ugo Giorgetti, diretor cult que exhibe filme inédito sobre Alberto Dines em retrospectiva de sua obra na Rua Augusta

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Nenhuma ficção sobre bola rolando nos gramados, nem mesmo “Os Trapalhões e o Rei do Futebol” (1986), com Pelé, converteu-se num fenômeno à altura do que o esporte mais amado deste país representa para o nosso povo, embora haja um par de longas-metragens centrado no tema com status de cult: “Boleiros” (1998) e sua sequência, de 2006. Essa dobradinha é uma parte das mais líricas (e, numa certa altura, das mais marxistas, mesmo sem clamar pelo barbudo alemão) da obra de Ugo Giorgetti. Obra que fez toda uma geração de brasileiros olhar para São Paulo com mais encantamento... e doçura.

Em fricção total, aos 84 anos, o diretor ganhou uma retrospectiva na Pauliceia, no Espaço Petrobras de Cinema, que se encerra nesta quarta, com filme inédito. “Alberto Dines – Vínculos de Liberdade” (2026), retrato de um pilar da imprensa, vai ganhar sessão no evento, esta noite, às 19h10, seguida de debate entre o seu realizador e o crítico Inácio Araújo. O que a gente vê nesse repertório de longas são banhos de descarrego capazes de curar a ressaca dos desenganos morais e políticos sofridos por sua nação dos anos 1960 (em meio a uma ditadura) pra cá.

Num artigo recente em seu blog no Instituto Moreira Salles, o crítico



Ugo Giorgetti é dono de uma obra que leva o Brasil a olhar para São Paulo com mais encantamento



Arquivos históricos permeiam o filme de Giorgetti sobre Alberto Dines, que passa nesta quarta na Rua Augusta



Otávio Augusto, divo do cineasta, imprime o riso em “Boleiros”, de 1998



Ricardo Blat e Eduardo Tornaghi se encaram em “O Príncipe” (2002)

co José Geraldo Couto cravou: em seus retratos sociais, Giorgetti faz “o trânsito entre amargura e riso” e vai “do elevado ao banal”. Gol! É isso: é um criador de imagens, com um pé na melancolia e outro no deboche, que tem alquimia singular com a tradição neorrealista do cinema brasileiro, ao unir denúncia e ternura, trançando zoação e saudosismo. É

um iluminista sentimental. Às vezes ele é mais ácido, como em “Festa”, ganhador do Kikito de melhor filme no Festival de Gramado de 1989, e às vezes, combina sociologia com poesia, como “Quebrando a Cara” (1986).

A viagem da sala de projeção da Rua Augusta (o Espaço Petrobras) a seu currículo de delícias é

“Gosto muito de filmar. Por mim filmaria todos os dias, não importa que filmes e em que condições. O que mais mudou na minha maneira de filmar foi eu mesmo. Não sou mais aquele jovem cineasta que esperava tanto do cinema”

UGO GIORGETTI

não entende mais nada e constata que nada pode defendê-lo da avalanche de pequenos e grandes entraves em seu cotidiano.

“Gosto muito de filmar. Por mim filmaria todos os dias, não importa que filmes e em que condições. O que mais mudou na minha maneira de filmar foi eu mesmo. Não sou mais aquele jovem cineasta que esperava tanto do cinema”, confessa Giorgetti ao Correio da Manhã, com toda a sinceridade que alimenta sua dramaturgia filmada.

Há, em sua trajetória, um tratado sobre as alianças que a amizade fabrica: “O Príncipe”, que foi lançado no Rio bem timidamente em 2002. Nele, um intelectual há muito radicado em Paris (Eduardo Tornaghi) regressa ao país e encontra sua rede de amigos em frangalhos afetivos (até os que prosperaram financeiramente). Um deles, cadeirante, é encarnado pelo reator nuclear de ironia Otávio Augusto, espécie de muso de Giorgetti.

Para o diretor, Otávio “representa o papel de um grande ator sempre disponível a quem recorre frequentemente”.

Quem sabe uma alma boa não trás ao circuito carioca as delícias que o Espaço Petrobras hoje confere na revisão de Giorgetti, além de “Boleiros – Era Uma Vez o Futebol” e “Boleiros 2 – Vencedores e Vencidos”.

“O sucesso do filme levou a um convite do jornal ‘O Estado de S. Paulo’, onde escrevi por 16 anos sobre futebol”, conta o artista, referindo-se a um material que ele reuniu, faz pouco, num livro de crônicas e contos de escrita saborosa e faro finíssimo para dribles e pênaltis.

Dele, lá no Espaço, teve “Sábado” (1994), (o excelente) “Cara ou Coroa” (2012), “A Cidade Imaginária” (2014), “Uma Noite em Sampa” (2016) e “Dora e Gabriel” (2020). Tem um pedaço da vida paulistana em cada narrativa dessa.

“São Paulo é apenas o lugar onde nasci e por isso me oferece locações sempre muito apropriadas e conheço bem”, explica Giorgetti, que em plena pandemia, em 2021, levou ao É Tudo Verdade o documentário “Paul Singer, Uma Utopia Militante”, uma delicada investigação sobre o autor de “Ensaio sobre Economia Solidária”.

Uma vez mais com as ferramentas documentais em punho, ele esquadrinha os feitos do jornalista Alberto Dines (1932-2018). Seu novo longa, ainda desconhecido no RJ, parte de imagens de arquivo e depoimentos que revisitam a ética (e a estética) investigativa de Dines.

Perguntado pelo Correio sobre que novos projetos estão em seu forno, Giorgetti... dá uma de Giorgetti, ou seja, faz o sincero: “É o que sempre me pergunto...”

Pequenos filmes, grandes histórias

Títulos terão exibição gratuita até o dia 30 no portal www.curtafestival.com.br

AFFONSO NUNES

O CURTA! Festival chega à sua quarta edição em junho com uma programação expandida que reflete a diversidade da produção audiovisual brasileira contemporânea. Apresentado pela Claro, o evento oferece exibição online e gratuita (www.curtafestival.com.br) para todo o país entre 1º e 30 de junho, consolidando-se como plataforma relevante para documentários, ficções e séries produzidas independentemente no Brasil.

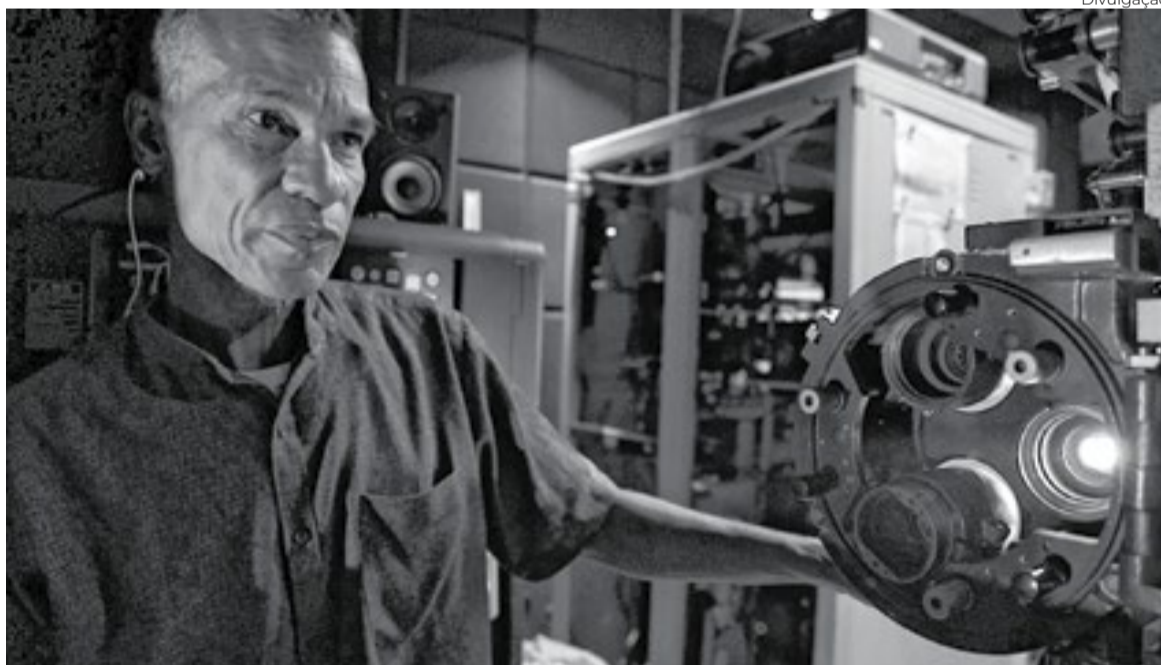
A edição 2026 marca uma mudança na estrutura do festival. Enquanto as duas primeiras mostras mantêm o formato tradicional — Produção Canal Curta!, com 20 documentários e séries viabilizados pelo Fundo Setorial do Audiovisual, e Outras Janelas, aberta a inscrições públicas — surgem duas competições inéditas. A mostra Brasiliana traz 14 longas-metragens de ficção do acervo do streaming homônimo, incluindo clássicos como “Dona Flor e Seus Dois Maridos” (Bruno Barreto) e “Bye Bye Brasil” (Cacá Diegues). A Porta Curtas reúne 17 curtas-metragens de ficção, documentário e animação, divididas entre uma competitiva com realizadores em ascensão e outra seção de clássicos do formato.

No total, mais de 160 conteúdos disputam prêmios que somam R\$ 170 mil. No mecanismo de votação, o público tem papel chave. Os espectadores elegem os finalistas em cada mostra, enquanto um júri especializado define os vencedores.

A programação reflete anto temas atuais quanto resgate histórico. Entre os destaques da Produção Canal Curta! estão “Cazuza: Boas Novas” (Nilo Romero e Roberto Moret), que apresenta material inédito dos últimos álbuns do cantor; “Brasiliana — A História do Musical Afro que Apresentou o Brasil ao Mundo” (Joel Zito Araújo), sobre a companhia de teatro que circulou por 90 países; e “Fronteiras da Memória” (Stella Grissoti), série que examina traumas das ditaduras militares



A Dama do Estácio



O Condutor da Cabine



Mandinga



Vão das Almas

na Argentina, Brasil e Chile. A segunda temporada de “Cineastas” (Hermes Leal) apresenta o processo criativo de realizadores como Kleber Mendonça Filho e Laís Bodanzky.

Na mostra Outras Janelas, documentários como “Fernanda Abreu — Da Lata 30 Anos” (Paula Severo) e “Agudás, os ‘Brasileiros’ do Benin” (Aída Marques) exploram trajetórias artísticas e relações históricas Brasil-África. A série “Como Nascer os Heróis” (Iberê Carvalho e Rafael Leporace Farret), apresentada por Rita Von Hunty, mapeia personalidades inscritas no Livro de Aço dos Heróis da Pátria.

Após o período de exibições online, o festival inicia sua programação presencial entre 3 e 6 de agosto, com Salas de Montagem, sessões de filmes em finalização com diretores e montadores, e masterclasses com realizadores. A cerimônia de premiação ocorre em 7 de agosto.

O festival conta com patrocínio da Claro via Lei Rouanet de Incentivo à Cultura, do Ministério da Cultura, e apoio de instituições como Academia Internacional de Cinema, Estação NET, RioFilme, Revista de Cinema e Associação Brasileira de Cinematografia.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Depois de a MUBI ter lançado “O Dia de Peter Hugar”, pérola indie do estadunidense Ira Sachs, e de a HBO Max ter abraçado “Um Poeta”, da Colômbia, não resta dúvida de que o streaming se transformou num campo fértil de estreias, indo além dos chamados Originals, produções com DNA das plataformas, criadas para serem lançadas online. Uma ou outra até vai para a telona, em lançamentos curtos, quase sempre nas proximidades do Oscar, mas, no geral, ficam entre os laptops e os celulares da cinefilia. Há, paralelamente, longas badalados em mostras ou em telas do exterior que não passam por nossas salas de projeção, mas iluminam as latitudes da internet.

O Correio da Manhã partiu atrás de uma triagem de iguarias que, em terras estrangeiras, nasceram para o circuito, mas, aqui, foram diretamente para a Netflix, a Amazon, a Paramount & afins... Um desses casos é “A Virgem da Pedreira” (“La Virgen De La Tosquera”), de Laura Casabé, egresso da Argentina e hoje na Prime Video e na já citada HBO.

Essa produção passou aqui no Festival do Rio de 2025 como “O Lago da Perdição”. Em um casamento preciso entre crítica social e dispositivos pop das cartilhas do terror, este thriller sobre o clamor do sexo na adolescência foi laureado com o Grande Prêmio da competição nacional do BAFICI, em Buenos Aires. Na trama, Natalia, Mariela e Josefina são amigas inseparáveis, loucamente apaixonadas por Diego, um amigo de infância. No conturbado verão de 2001, em meio a crises econômicas em terras portenhas (e seus arredores), Silvia, uma moça já adulta, junta-se ao grupo e cativa o rapaz. Desolada, Natalia põe em prática heranças místicas de sua avó, envolvendo feitiços... e cães ferozes. O realizador Benjamín Naishtat (de “Vermelho Sol” e “Puan”) colaborou com Laura e escreveu o roteiro.

A partir desta quarta, nuestros hermanos voltam a clamar por atenção na streaminguesfera do Brasil, via Netflix, com a chegada do ganhador do Prêmio de Melhor Filme e Direção no Festival de Mar Del Plata: “Risa Y La Cabina Del Viento”, e Juan Cabral. Na trama, uma jovem (Elena Romero) encontra uma cabine telefônica que permite que ela fale com os mortos para atender seus pedidos e, assim, conseguir entrar em contato com seu pai falecido.

Ainda no âmbito da América Hispânica, o México faz “El Eco”, de Tatiana Huezo, reverberar por aqui, quase três anos depois de ter saído vencedor da disputa de Melhor Documentário da Berlinale. Conquistou ainda, na Alemanha, a Láurea de Melhor Direção da hoje finada

Sem salas, mas com plataformas

Um garimpo de obras cults que, mesmo sem vaga em circuito, ampliam a potência do streaming na valorização de filmes comercialmente inéditos em multiplexes... de ‘cabeças’ a ‘pipocas’



‘O Mal Ronda a Virgem da Pedreira’ foi premiado no BAFICI 2025



‘El Eco’, de Tatiana Huezo, paira pela grade do MUBI



‘Risa Y La Cabina Del Viento’ chega nesta quarta à Netflix



Checco Zalone em ‘Buen Camino’, hoje na Netflix

mostra Encontros, consagrando a realizadora de “Reze pelas Mulheres Roubadas” (2021).

Em “O Eco”, hoje na MUBI, Tatiana faz um registro poético sobre um vilarejo mexicano que parece parado no tempo, castigado pelo frio e por secas, no qual jovens cuidadas de suas avós, assim como tomam conta de rebanhos carentes de melhores condições. É uma metáfora entre a natureza humana e a vida animal.

Considerado um dos maiores fenômenos populares da Itália no século XXI, com cerca de 9 milhões de ingressos vendidos, “Buen Camino”, de Gennaro Nunziante, driblou às salas de exibição do Brasil e foi diretamente para a Netflix, apresentando aos assinantes dela o Leandro Hassum europeu, Checco Zalone. Com direção de Gennaro Nunziante, o filme segue os passos de um pai fracassado que sai de sua zona de conforto e percorre o Caminho de Santiago em busca de sua filha desaparecida. A menina não dá bola pra ele, mas os peregrinos insistem em sua participação na trilha.

Badalado em alguns dos mais respeitados festivais da atualidade, como Locarno, Sitges e SXSW, o thriller meio suíço, meio americano “Sew Torn” brilhou no Velho Mundo e nos EUA, mas não teve muita chance de vender tiquetes nos multiplexes do Brasil. Agora, o strea-

ming Looke lhe dá uma nova canja, exibindo a produção com o título “A Costureira”. Está na Prime Video também. A direção é de Freddy Macdonald. Na trama, uma operária da costura Barbara (Eve Connolly) é confrontada com uma série de escolhas – todas perigosas – depois de testemunhar as consequências de um negócio de drogas que deu errado e resultou num acidente de moto. Na luta para manter sua loja aberta, ela se depara com dois homens feridos e uma maleta cheia de dinheiro. Barbara fica em dúvida sobre o que deve fazer: seguir o seu caminho, chamar a polícia ou cometer o crime perfeito.

No âmbito pop... na base do assombro, a Looke (em sinergia com a Prime Video) mete um gol com “Urso Sangrento: A Noite do Terror” (“Grizzly Night”), de Burke Doeren. Seu enredo nos leva a uma noite de verão de 1967, quando dois ataques de ursos ocorreram simultaneamente em um parque nacional dos Estados Unidos. Enquanto o pânico toma conta do lugar, uma guarda-florestal precisa enfrentar seus próprios medos e liderar um grupo de turistas em meio à natureza selvagem.

Já que a ideia é garimpar pepitas nos streamings, tem um Adam Sandler raro, na esfera do drama, chamado “Reine Sobre Mim” (“Reign Over Me”, 2007), na Netflix.

Divulgação

Divulgação

Divulgação

Filmitalia

Paternidade e transformação

'Manso', de Felipe Haiut explora a desconstrução de modelos herdados de masculinidade

Felipe Haiut volta aos palcos cariocas com um novo solo. "Manso" se debruça sobre a paternidade como experiência transformadora. Dirigido por André Paes Leme, o espetáculo marca o retorno do ator e dramaturgo após o êxito de "Selvagem", que lotou salas no Rio, São Paulo, Berlim e Lisboa. Desta vez, Haiut se concentra nos atravessamentos da masculinidade na relação entre pai e filho, continuando a investigação iniciada na peça anterior sobre identidade e pertencimento.

Assinada pelo próprio Haiut, a dramaturgia apresenta um homem diante do filho recém-nascido e da possibilidade concreta de perdê-lo. Segundo o ator e autor, o texto se desenvolve como num fluxo de pensamento atravessado por memórias, silêncios e projeções. O espetáculo explora a desconstrução de modelos herdados de masculinidade e a ausência de novas referências possíveis,

com foco particular na figura paterna. "Eu me pergunto quando nasce um pai e o que faz de alguém pai", questiona Haiut na dramaturgia.

Segundo dados do Conselho Nacional de Justiça, mais de 5,5 milhões de pessoas no Brasil cresceram sem o reconhecimento paterno. Diante dessa realidade, a peça desloca o debate da ausência — historicamente associada à masculinidade — para a potência da presença. "Num país em que é muito comum ouvir sobre a ausência paterna, escrevi uma dramaturgia para responder a essa questão com a presença. Um homem que está diante da iminência de não se tornar pai — e cujo maior desejo é fazer de tudo para poder ser", explica o autor e intérprete.

Em cena, "Manso" materializa as contradições de um homem que, simultaneamente, tenta sustentar uma ideia de força enquanto se vê cara a cara com a própria fragilidade. O movimento é de dentro para fora: o espetáculo constrói uma experiência sensível sobre os desafios



Em cena, Felipe Haiut materializa as contradições de um homem que, simultaneamente, tenta sustentar uma ideia de força enquanto se vê cara a cara com a própria fragilidade

“Num país em que é muito comum ouvir sobre a ausência paterna, escrevi uma dramaturgia para responder a essa questão com a presença”

FELIPE HAIUT

emocionais da paternidade contemporânea, propondo um espaço de escuta e reflexão. Sem pretensão de oferecer respostas definitivas, a peça se estabelece como um território de reinvenção, investigando o que se mantém e o que se transforma nos laços entre pais e filhos.

SERVIÇO

MANSO

Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)
Até 14/6, quinta a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 20, R\$ 10 (meia), R\$ 18 (convênios), R\$ 14 (sócio Sesc) e grátis (PCG)

LINHAS DE FUGA

por **ERIK DE CASTRO***

A Arte da escrita (ou reflexões sobre o Burro Natural)

Escrever é para poucos. Escrever bem, para menos ainda. Preguiçoso - sem talento - vai pro chat. Quem escreve mesmo, de verdade, vai pra alma.

A própria e a dos outros: uma flecha, um recado, canalizado - poeticamente - para a humanidade. Dos- toievski, José Candido, Lispector, Conrad, Machado, Anais Ninn, Hemingway...

No Chat?

Heresia.

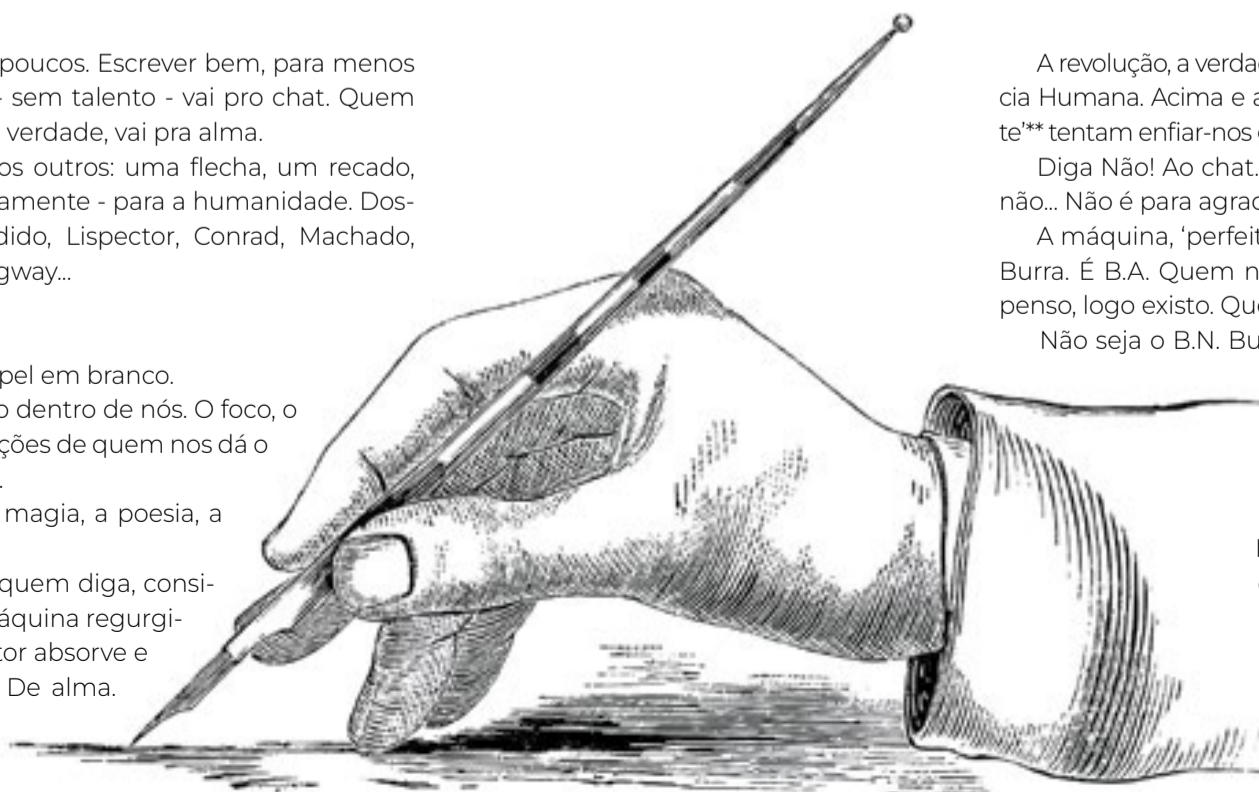
A magia... do papel em branco.

O nada. E o tudo dentro de nós. O foco, o tiro e o alvo: os corações de quem nos dá o privilégio da leitura.

Quem atinge a magia, a poesia, a emoção?

Não IA. Não há quem diga, consiga, o contrário: a máquina regurgita e vomita; o escritor absorve e devolve. De corpo. De alma.

De coração: pro teu, e meu, o nosso bem.



A revolução, a verdadeira revolução, hoje, é a da Essência Humana. Acima e além da falácia que 'loboticamente' tentam enfiar-nos garganta abaixo, e ânus acima...

Diga Não! Ao chat. Escreva, livre, delire! Gostem ou não... Não é para agradar. É para pensar.

A máquina, 'perfeita', não pensa. Ao contrário, ela é Burra. É B.A. Quem não quer, ver, enxergar? Escrevo, penso, logo existo. Quem não escreve, não existe.

Não seja o B.N. Burro Natural. Você é mais. Exercite a escrita. Palavras, repita. Não se importe com a crítica. Um dia isso pode ser reconhecido como... estilo.

(Texto escrito sem auxílio de IA. Sou 50+ e cresci num tempo em que o Chat GPT jamais vai entender, pois nem era nascido...)

*Cineasta

** 'Lobot' - personagem guiado por uma IA do filme 'O Império Contra-Ataca', de Irwin Kershner